

Coleta seletiva, mas nem tanto

Brasiliense não tem hábito de separar adequadamente o lixo doméstico e com isso deixa de gerar renda e emprego

DÊNIO SIMÕES

DARSE JÚNIOR

A pesar de o Distrito Federal ser considerado uma das unidades federativas mais conscientizadas do Brasil, ainda deixa a desejar quando o assunto é coleta seletiva de lixo. Mesmo nos poucos locais onde os moradores separam o lixo – como em Brazlândia e nas superquadras residenciais do Plano Piloto, quando o caminhão faz a coleta todos os resíduos são misturados num mesmo container.

De acordo com o assessor de planejamento da Belacap, Cláudio Rachid Dias, isso ocorre porque a população não está totalmente conscientizada. "Quando o caminhão passa, há alguns lixos separados e outros não. O único jeito é recolher tudo, pois não podemos largar o resíduo orgânico na rua, por causa do odor e dos riscos de provocar doença", explica. O assessor da Belacap reclama da pouca colaboração de parte da população. "As pessoas só se preocupam em tirar o lixo de casa, não importando onde ele será depositado", lamenta ele.

Caso os dejetos fossem corretamente separados e recolhidos, além de diminuir a quantidade de resíduos despejados no aterro sanitário do DF – localizado na Estrutural, mais conhecido como Lixão –, aumentaria a renda dos catadores de lixo e ainda geraria novos empregos. Atualmente, os brasilienses produzem 2,4 mil toneladas de lixo diariamente, dos quais 60% vão para o aterro e 40% são reciclados.

Com a implantação da coleta seletiva, a Assessoria de Planejamento da Belacap estima que o percentual destinado ao aterro seria reduzido para 30%. O Lixão existe há 39 anos e foi programado para atender os 500 mil habitantes

que existiam inicialmente e não os atuais 2 milhões. Por isso a capacidade e a vida-útil do local estão se esgotando.

Em diversas oportunidades, o promotor do Meio Ambiente do Ministério Público do DF, Roberto Carlos Batista, defendeu o fim do aterro da Estrutural. "Estamos procurando outras localidades, pois não se pode desativar o depósito sem encontrar outra alternativa", replica Rachid, da Belacap. Dois pontos estão sendo estudados para a implantação do aterro: um próximo à Planaltina e outro perto de Ceilândia.

Outro ganho que a coleta seletiva traria é a ampliação dos empregos e da renda das pessoas que sobrevivem do lixo. Segundo estimativa do Fórum Lixo e Cidadania, no DF há sete mil catadores de lixo, dos quais 2,5 mil são cadastrados em 12 associações e cooperativas.

Essas pessoas ganham, em média, R\$ 400 por mês. Mas se o sistema fosse efetivamente implantado "o número de catadores poderia ser triplicado e a renda seria dobrada", garante o secretário executivo do fórum, Luís Carlos Cassis.

O benefício direto seria sentido por pessoas como Nivaldo Pinto, de 57 anos, de Ceilândia. Dois dos cinco filhos de Nivaldo também se dedicam ao mesmo ofício do pai – motivo de desgosto para o catador de lixo. "Não gostamos dessa vida e, por isso, não a desejamos para nosso filho, mas não tem outra alternativa", diz Nivaldo.

SERVIÇO

As associações de catadores aceitam doações de qualquer natureza (dinheiro, alimentos ou roupas). Mais informações no telefone 223-5936

O PREÇO DO LIXO

- Plástico pet – R\$ 480/t
- Plástico rígido – R\$ 90/t
- Plástico filme (saco de lixo) – R\$ 90/t
- Lata de alumínio – R\$ 2.150/kg
- Papel branco – R\$ 130/t
- Papelão – R\$ 50/t
- Vidro colorido – R\$ 30/t
- Vidro incolor – R\$ 30/t



Só 40% das 2,4 mil toneladas de lixo produzidas por dia no DF são reciclados; a maior parte – 60% – vai para o Lixão da Estrutural

Em todo o Distrito Federal existem hoje cerca de

7 mil

catadores de lixo, dos quais 2,5 mil fazem parte de associações

O trabalho deles é explorado, pois vendem por

R\$ 0,30

ao intermediário 1kg de papel branco, revendido por R\$ 0,70

A renda mensal dessas pessoas atinge, em média,

R\$ 400

mas poderia dobrar se houvesse coleta seletiva

O Lixão da Estrutural está esgotado, já que existe há

39

anos e foi criado para atender uma cidade de 500 mil habitantes

DF é exportador de lixo

O Distrito Federal não tem nenhuma indústria de reciclagem de lixo e, por isso, todo o resíduo recolhido na capital é exportado para outros Estados, como São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, onde o material é efetivamente transformado em novo. Em Brasília, o material é separado e impressado pelos catadores, vendido para o atravessador (geralmente grandes empresários) e exportado.

Com a implantação da coleta seletiva e a criação da Central de Apoio às Coopera-

tiva e Associações de Catadores de Materiais Recicláveis, anunciada para 2004, grande parte do processo pode ser reduzido a duas etapas. "Se todos os catadores se unirem em uma única central, podem arrecadar uma maior quantidade de lixo e vender direto para as indústrias", diz Sônia Maria, presidente da 100 Dimensão, uma das cooperativas mais eficientes do DF.

Caso o atravessador fosse retirado do processo, estima-se que a renda dos catadores poderia ser duplicada. Um

quilo de papel branco é vendido para o intermediário por R\$ 0,30. A indústria compra o mesmo material por R\$ 0,70. "Não queremos acabar com as empresas, há espaço para todos, mas os trabalhadores têm de ser tratados com mais respeito", diz Sônia.

Para era, a criação da central mudará a concepção do catador de lixo. "A categoria é muito marginalizada. Com a conscientização da população a respeito da importância do tratamento de lixo, essa idéia tende a mudar", completa.

Esplanada deve ser exemplo

No mês passado, o Fórum de Lixo e Cidadania anunciou o pré-lançamento da Central de Apoio às Cooperativas e Associações de Catadores de Materiais Recicláveis. Na ocasião, o chefe de gabinete do Ministério das Cidades, Dirceu Lopes, anunciou a implantação da coleta seletiva na Esplanada dos Ministérios.

A operacionalização da medida ainda está sendo estudada e não há previsão de quando precisamente sairá do papel, mas, quando isso acontecer, representará grande ganho para os catadores locais. Ao contrário do que ocorre no resto da cidade, onde 46,11% do lixo é orgânico, na Esplanada 67% é de material reci-

clável – papel, papelão e plástico dos copos descartáveis.

Para os catadores, esses materiais são mais valiosos, já que o lixo orgânico é tratado pelo próprio governo, que produz 450 toneladas por dia de adubo orgânico nas usinas. As 20 toneladas diárias poderiam, se bem aproveitadas gerar renda para dezenas de famílias.